

O DISCURSO SOBRE A AUTOMUTILAÇÃO NA PROTAGONISTA DE *SHARP OBJECTS* DE GILLIAN FLYNN

TANISE MONTEIRO FREY¹; RENATA KABKE PINHEIRO² (ORIENTADORA)

¹Universidade Federal de Pelotas – tanisemtf@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rekabke@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea as mulheres são vulneráveis a julgamentos sobre sua aparência, e persiste o discurso de que elas precisam ser atraentes, bonitas, saudáveis e preferencialmente magras, o que gera sobre elas uma considerável pressão que pode resultar em problemas tanto físicos quanto psicológicos. Ferir a si mesmo/a de forma intencional – a automutilação – é um grave sinal de um deles, e é um distúrbio que afeta muitas pessoas, frequentemente resultado de uma não adequação a padrões esperados (JOHN, 2012) – inclusive estéticos. Esses assuntos são retratados nos livros de uma forma bem próxima da realidade e, como fonte de entretenimento, eles podem influenciar a vida das pessoas, ou seja, elas podem se sentir cobradas a seguir padrões de beleza ou mesmo inspiradas a copiar comportamentos patológicos.

A automutilação é um importante problema de saúde que deve ser trazido para discussão. De acordo com dados da OMS, ela de certa forma está associada ao suicídio, segunda maior causa de morte entre jovens, sendo que mulheres são mais propensas a ter um comportamento repetitivo (SCOLIERS *et al*, 2009). Os métodos utilizados para a prática são de baixa letalidade, pois neste ato o objetivo não é tirar a própria vida, mas sim aliviar dores causadas por problemas originários de ordem biológica, cognitiva, comportamental ou afetiva (BACP, 2015). De qualquer forma, é uma questão grave, que merece ser estudada, ainda mais quando associada à protagonista de uma obra literária.

O objetivo desta pesquisa é, então, realizar uma análise linguístico-discursiva de como a automutilação é retratada por meio da personagem Camille Preaker em *Sharp Objects*, publicado originalmente em 2006 e lançado no Brasil em 2015 como “Objetos Cortantes”. O livro foi escrito por Gillian Flynn, mesma autora de *Gone Girl* (2012) e *Dark Places* (2009), e se insere no gênero suspense/mistério. A obra recebeu prêmios como o *New Blood Fiction Dagger* e o *Ian Fleming Steel Dagger* da Crime Writers' Association (2007).

A história gira em torno de Camille Preaker, uma repórter que saiu recentemente de um hospital psiquiátrico e retorna a sua cidade natal para investigar o brutal assassinato de uma menina e o desaparecimento de outra. Ela se hospeda na casa de sua família, onde precisa lidar com as memórias difíceis de sua infância e adolescência, e à medida que as investigações para elaborar sua matéria avançam, Camille desvenda segredos perturbadores que agravam seus problemas pessoais, e, ao longo da trama é revelada sua tendência à automutilação. Esta pesquisa observa, então, as relações de conflito que a personagem tem e resultam em ataques contra ela mesma, focando-se em tornar visível os discursos referentes à automutilação presentes no texto, já que eles podem influenciar leitoras/es a copiar esse comportamento.

O estudo foi realizado a partir da análise de trechos da obra em que a personagem relata episódios nos quais pratica ou pensa em praticar a automutilação. A análise desses trechos baseou-se em princípios da Análise Crítica do Discurso (ACD), que vê o discurso como contribuinte para a construção de

sistemas de conhecimento e crenças por meio da representação do mundo, assim como para a construção de identidades coletivas e individuais e de relações sociais. Em relação a essa linha teórica, utilizamos principalmente o trabalho de FAIRCLOUGH (2001), e no que se refere a automutilação, nos baseamos em JOHN (2012), SCOLIERS *et al* (2009) e em um documento de 2015 da BACP (British Association for Counselling and Psychotherapy) sobre o assunto.

2. METODOLOGIA

As etapas desenvolvidas para a investigação foram: 1) leitura da obra literária; 2) seleção de trechos do livro em que a protagonista pensa ou comete o ato de automutilar-se; 3) análise dos trechos com base nos princípios da ACD e utilizando como abordagem metodológica o esquema tridimensional de FAIRCLOUGH (2001). Esse esquema consiste em três dimensões que interagem entre si e se influenciam mutuamente: prática social, prática discursiva e texto. Na análise da prática social são observadas as estruturas de dominação, as operações de ideologias e as relações sociais. Na análise da prática discursiva são observados os aspectos de produção, distribuição e consumo da obra, enquanto que na análise do texto são observados e interpretados seus aspectos linguísticos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação à análise da prática discursiva, mais especificamente à produção da obra, a autora conta que a grande influência para escrever *Sharp Objects* foi a falta de atenção literária para o lado sombrio da psicologia feminina (BATKIN, 2018). Segundo ela, havia muitas histórias sobre homens e como eles lidam com a violência e raiva, mas não sobre como as mulheres lidavam com essas questões. Ela então escreveu sobre personagens sombrias com transtornos psicológicos, como a síndrome de Münchhausen por procuração e a automutilação (BATKIN, 2018).

Em relação ao aspecto da intertextualidade, a autora disse em uma entrevista à *New York Magazine* (DOBBINS, 2014) que o leitor de *Sharp Objects* certamente verá a influência da obra *Flowers in the Attic*, um romance gótico escrito por V.C. Andrews em 1979. Essa obra traz temas sombrios e tratados como ilícitos na época, como assassinato, incesto, amputação e estupro, além de as personagens femininas apresentarem traços frios, abusivos e serem manipuladoras. Em *Sharp Objects*, por sua vez, as personagens apresentam características de violência, toxicidade e persuasão.

Quanto ao consumo, a obra destina-se ao público adulto, não especificamente feminino ou masculino, e no que se refere à distribuição, em 2018 o livro foi adaptado para uma série de 8 horas na HBO, ou seja, os discursos ali circulantes passaram a ter um alcance muito maior. Essa adaptação, no entanto, modificou alguns aspectos da trama, como o momento em que o público toma conhecimento acerca da automutilação (que ocorre mais cedo na série do que no livro). Na versão escrita, o foco recai justamente sobre ela, é por meio das palavras que Camille grava na pele que o leitor consegue entender os sentimentos da personagem ao longo da trama. Já na série, o foco recai sobre a relação entre as irmãs Camille e Marian, retratada nos momentos em que a protagonista relembra sua infância e adolescência após a morte de Marian, e as emoções de Camille descritas com palavras gravadas em seu corpo são os títulos de cada episódio.

Passando à dimensão da prática social, na literatura a violência é normalmente associada ao homem, à sua força, e é retratada em forma de brigas ou

mortes, e ter uma figura masculina como anti-herói cativa o público. Por outro lado, para o público simpatizar com a figura feminina, em geral ela deve ser retratada como a “mocinha indefesa”. Isso não ocorre no livro de Gillian Flynn, pois percebe-se ao longo dele uma crítica à obrigação social de “ser feminina”. Temos ali mulheres de três gerações de uma mesma família em que o papel desempenhado por elas diverge daquele que é esperado de uma mulher, ao mesmo tempo em que tentam estar dentro do padrão social do que é “ser feminina”. Na trama, as mulheres escondem sua perversidade, patologias e traumas psicológicos, não são totalmente benevolentes e demonstram o que as mulheres são capazes de fazer umas com as outras, principalmente o quanto cruéis podem ser, o que fica explícito na investigação do assassinato das meninas. Além disso, Camille está longe da imagem da heroína linda e submissa no que se refere a práticas sociais: ela tem problemas com alcoolismo, veste roupas largas para esconder suas cicatrizes e não chamar atenção para seu corpo, ainda que ela o ache belo. Passando à análise do texto, isso pode ser visto em: *“Despite what I'd done to the rest of my body (...) I was lovely to look at, as long as I was fully clothed”*. (FLNN, 2006, p. 112). Camille descreve seu corpo como “adorável de se olhar” apesar do que ela tinha feito a ele, mas desde que estivesse “completamente vestida” se as marcas não existissem. Ela se cobre, esconde seu corpo apesar de ele ser belo, mas para ela a automutilação é uma forma de expressar os traumas que sofreu durante a infância e adolescência após a morte de sua irmã mais velha, e de retratar o quanto isso ainda a afeta na vida adulta.

Continuando com a análise de elementos textuais, dentre os trechos selecionados mais dois se destacam por representarem os discursos que circulam sobre a automutilação por meio da protagonista da obra. O primeiro deles é quando Camille diz *“Yet most of the time that I'm awake, I want to cut. Not small words either. Equivocate. Inarticulate. Duplicitous”* (FLYNN, 2006, p.98). Já no começo da frase temos o advérbio *yet* indicando que a vontade que a protagonista tem de se cortar permanece “ainda assim”, referindo-se ao fato de ela beber para não pensar no que faz ao corpo (mencionado anteriormente no trecho). A vontade, porém, continua “na maior parte do tempo em que [ela está] acordada”, o que é expresso pelo uso pelo uso do determinante *most* antes do indicativo de tempo, ou seja, o desejo de se cortar é frequente e tem importância para ela quando consciente (*awake*). A frase no presente simples indica que o fato dela querer se cortar é um的习惯 praticado pela protagonista, bem como um desejo: *I want to cut*. Esse desejo só pode ser suprido a partir de palavras que tenham a mesma ou maior importância que o ato de se marcar, pois elas não podem ser “pequenas”, por isso a negação antes do adjetivo *not small*. Nesse trecho, vemos que Camille reconhece seu desejo/vontade de recorrer à automutilação, uma maneira – que precisa ser grande, impactante – de ela aliviar uma dor de cunho afetivo. Isso pode ser tomado como indicação da presença de um discurso que, se não favorável a, dá uma “justificativa” para a automutilação.

O segundo trecho é *“At my hospital back in Illinois they would not approve of this craving”* (FLYNN, 2006, p.98). Mesmo depois de ter saído do hospital psiquiátrico, Camille sente o desejo de se cortar, e aqui o sentimento dela é adjetivado como *craving*, “um desejo muito forte por”, muitas vezes associado a vícios. Como Camille tem o hábito de se cortar e deseja isso o tempo todo, esse ato se configura como um vício, algo que ela não é capaz de controlar. Em outras palavras, há em circulação aqui um discurso que trata a automutilação como algo negativo. O uso do pronome *they* referindo-se ao grupo de pessoas no hospital

segundo do modal *would* + negação e o verbo “aprovar” indica que ela não teria permissão para sentir e desejar se marcar, reforçando o discurso que negativiza a automutilação.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa encontra-se em andamento, mas conclusões preliminares indicam que a automutilação pode ser vista como retratada de duas formas em *Sharp Objects*. Ao analisarmos os trechos, é possível constatar um discurso em que a automutilação é retratada como algo negativo, pois vai contra o discurso que prega a beleza e a perfeição estética, e outro em que ela, se não é retratada como “positiva”, a mostra como “justificada”. É claro que a adesão a um ou outro desses discursos depende de quem lê, e ela/ele pode, inclusive, tomar o discurso negativo como forma de “protesto” ao discurso que exige a beleza feminina e se sentir tentado/a à automutilação.

Por fim, temos que considerar que *Sharp Objects*, ao apresentar por meio de sua protagonista a automutilação como um método de alívio do sofrimento, pode influenciar pessoas que se encontram na mesma situação a copiar esse comportamento patológico. Por isso, retratar a automutilação como justificada/justificável pode ter um impacto indesejado, o que reforça o quanto é importante a discussão do tema, ainda que com muita cautela.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATKIN, L. ‘Sharp Objects’ and Damaged Women. **The New York Review of Books**, New York, 30 ago, 2018. Online. Disponível em: <https://www.nybooks.com/daily/2018/08/30/sharp-objects-and-damaged-women/>. Acesso em: 13 set. 2019.
- BACP - British Association for Counselling and Psychotherapy. **Suicide and self-harm: psychological therapies, prevention and risk factors**. Lutterworth:BACP House, 2015. Online. Disponível em: <https://www.bacp.co.uk/media/2128/bacp-suicide-self-harm-briefing-oct15.pdf>. Acesso em: 13 set. 2019.
- DOBBINS, A. Gillian Flynn on 30 Rock, Flowers in the Attic, and 19 Other Things That Have Influenced Her Work. **Vulture**, New York, 01 out. 2014. Online. Disponível em: https://www.vulture.com/2014/09/gillian-flynn-gone-girl-influences.html#_ga=2.190396653,719266429.1568162449-732048546.1568162449. Acesso em: 11 set. 2019.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001
- FLYNN, G. **Sharp Objects**. New York: Shaya Areheart Books, 2006.
- JOHN, A. **Self-harm: treating people differently, intervening early**. Mental Health Today. Teddington, p. 18-20, March/April 2012. Disponível em: https://www.careknowledge.com/media/35139/mht-marchapril-12_pg18-20.pdf. Acesso em: 30 ago. 2019.
- SCOLIERS, G; PORTZKY, G; MADGE, N, et al. Reasons for adolescent deliberate self-harm. A cry of pain/or a cry for help. Findings from the child and adolescent self-harm in Europe (CASE) study. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, Heidelberg, v.44: p. 601–607, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/15134868/Reasons_for_adolescent_deliberate_self-harm_a_cry_of_pain_and_or_a_cry_for_help. Acesso em: 30 ago. 2019.